

# Os efeitos político-culturais da tradução do queer na América Latina

Juan Pablo Sutherland\*

**Resumo:** Neste artigo, Juan Pablo Sutherland, autor de *Nación Marica* e de *A Corazón Abierto*, analisa o surgimento e o primeiro impacto dos Estudos *Queer* na América Latina, as dificuldades de tradução do termo ao espanhol, a importância dos estudos de Michel Foucault e de Judith Butler, além de trabalhar com a ideia de uma “cidade letrada *queer*” que serve à discussão das obras de autores como Néstor Perlongher e Pedro Lemebel.

**Palavras chave:** estudos queer, literatura, América Latina

**Resumen:** En este artículo, Juan Pablo Sutherland, autor de *Nación Marica* y de *A Corazón Abierto*, analiza el surgimiento y el primer impacto de los Estudios *Queer* en América Latina, las dificultades de traducción del término al español, la importancia de los estudios de Michel Foucault y Judith Butler, además de proponer el concepto de una “ciudad letrada *queer*” que sirve a la lectura de obras de Néstor Perlongher y Pedro Lemebel.

**Palabras clave:** estudios queer, literatura, América Latina

**Abstract:** In this article, Juan Pablo Sutherland, author of *Nación Marica* and *A Corazón Abierto*, examines the emergence and the first impact of Queer Studies in Latin America, the difficulties of the Spanish translation of the term and the importance of the studies of Michel Foucault and Judith Butler. He also works with the idea of a "queer lettered city" which contributes to the discussion of the works of authors such as Pedro Lemebel and Néstor Perlongher.

**Keywords:** queer studies, literature, Latin America

*A historicidade do discurso implica o modo em que a história é constitutiva do discurso mesmo. Não se trata simplesmente de que os discursos estejam localizados em contextos históricos, além disso, os discursos têm seu próprio caráter histórico constitutivo. Historicidade é um termo que implica diretamente o caráter constitutivo da história na prática discursiva, quer dizer, uma condição na qual uma “prática” não poderia existir independentemente da sedimentação das convenções mediante as quais é produzida e tornada legível.*

Judith Butler

---

\* Juan Pablo Sutherland é escritor, crítico literário e professor chileno. Texto originalmente publicado em espanhol, no livro *Nación marica: prácticas culturales y crítica activista* (Santiago: Ripio Ediciones, 2009). Agradecemos ao autor pela autorização de publicar o texto no *Periódicus*. Tradução de Helder Thiago Cordeiro Maia, doutorando em Literatura Hispano-Americana pela Universidade Federal Fluminense.

Os Estudos *Queer* aparecem nos anos oitenta no meio da crise disciplinar das humanidades e do impacto dos Estudos Culturais a partir dos anos setenta.<sup>1</sup> Esta emergência relaciona-se com um questionamento às políticas identitárias levantadas pelo movimento homossexual no começo dos anos oitenta. A erosão das práticas de identidade e de representação, cada vez mais assimiladas ao mercado gay e às políticas de integração, tirou novidade e profundidade às ações que vinham se desenvolvendo durante décadas. Nesse cenário aparecem no início dos anos oitenta nos Estados Unidos e na Europa diversos grupos e um *corpus* de publicações que irrompem com força no ativismo político pelos direitos das minorias. No meio dessa década, a Aids começava a fazer estragos nas comunidades homossexuais de São Francisco e Nova Iorque. Surge em Paris e Nova Iorque o *ACT UP*, grupo de choque radical na luta contra a Aids. Todo esse cenário criará uma nova onda de ativistas, organizações e reflexões sobre as sexualidades contemporâneas e suas políticas.

Por outro lado, nos anos setenta e oitenta na América Latina os crimes contra homossexuais seguem sendo uma realidade cotidiana no Brasil, na Argentina e no resto da região; os esquadrões da morte deixam um rastro de sangue difícil de limpar. Grande parte da América do Sul está governada por ditaduras militares e surgem incipientes iniciativas diante da brutal repressão. Na Argentina, nasce no meio dos anos setenta a Frente de Liberação Homossexual, liderada pelo poeta e antropólogo Néstor Perlongher e frequentada pelo escritor e roteirista Manuel Puig. No Chile, no início do governo da Unidade Popular, se organiza o primeiro encontro homossexual na emblemática Praça das Armas de Santiago, manifestação categorizada pela imprensa de esquerda como degradante e perversa.

Todo esse cenário vai configurando linhas de tensão tanto históricas quanto críticas, que posteriormente promoverão grandes debates e discussões sobre as políticas identitárias.

---

<sup>1</sup> Em referência à experiência do surgimento dos Estudos Culturais na América Latina e nos Estados Unidos, ver o artigo de John Beverley, “Estudios culturales y vocación política”, *Revista de Crítica Cultural*, nº 12 (1996), Santiago, pág. 46-53. Este artigo problematiza e contextualiza os impactos da Escola de Birmingham, que por sua vez interroga os marxismos mais mecanicistas para retomar a influência de Gramsci e de suas proposições a respeito das hegemonias e das novas vocações políticas que se situariam na cultura popular.

*O que é o queer?* A partir de uma caixa de ferramentas foucaultiana-butleriana, diria que pode ser entendida como uma *teoria da ação performativa*, que tem efeitos políticos nos corpos. Uma fala em uma primeira pessoa que desfoca o exercício identitário, devolvendo ao outro o seu gesto objetivador. Ou a partir de uma perspectiva política poderíamos entendê-la como uma estratégia que, dissolvendo a identidade, aposta em uma hiperidentidade radical (*maricón, camionera, torta, tortillera, cola, fleto, colisa, pato, troló etc<sup>2</sup>*), para desestabilizar a homonorma, a estabilidade gay, a normalização da gayzice. Como estratégia estética enfatiza, a partir do jogo performativo, uma hiperbolização identitária, uma meta-metaforização do lugar do estigma homossexual, uma neo-barroquização da identidade como um lugar em fuga no contexto da violência política contra as minorias sexuais.

A tradução<sup>3</sup> do *queer* na América Latina tem tido suas derrotas. Alguns apressaram-se em inscrever suas práticas dentro da catedral queer como se santificassem na última neo-vanguarda das políticas sexuais radicais, outros tentaram traduzir o termo a partir das mais variadas opções lexicais: torcida, obliquas, pós-identitárias, raras, invertidas, todas elas com um malabarismo linguístico próprio que tenta dar conta de um mal estar normativo, de um revelação teórica, de uma fuga prometeica da identidade. Promessa pós-identitária em um contexto político identitário, de políticas de representação, que apostam no cenário político em dar voz a um lugar negado e estigmatizado.

Traduzir, que já suscita uma distância com a língua e com o objeto, é tomar uma distância ou em si mesmo já é um problema cultural. Poderíamos dizer, como Lawrence La Fountain-Stokes, “que *queer* é um termo um tanto intraduzível ao espanhol”<sup>4</sup>. Ainda mais com um termo que tem uma história e um contexto político nos Estados Unidos dos anos oitenta. Em grande parte das publicações na América Latina, diversos autores

---

<sup>2</sup> NT: Esses são alguns nomes utilizados para identificar às dissidências sexuais nos países hispanofalantes.

<sup>3</sup> A ideia de pensar a tradução não se coloca a partir de um sentido literal, mas deslocado, na perspectiva de um deslocamento cultural, tensão entre original e cópia. Traduzir já envolveria uma gestão política ao interior da própria língua ou do discurso. Ver o artigo “Traducción, género y poscolonialismo, compromiso traductológico como mediación y affidamento femenino” de Dora Sales Salvador em *Quaders, revista de traducción*, no 13 (2006), Valencia, pp. 21-26. Nele se problematiza a inter-relação entre tradução, gênero e subalternidade e se debate sobre os contextos de tradução da literatura de mulheres do terceiro mundo pela tradução feminista metropolitana.

<sup>4</sup> “La política queer del espanyol”, ver em [www.centauro.cmq.edu.mx/dav/libela/paginas/.../10012147](http://www.centauro.cmq.edu.mx/dav/libela/paginas/.../10012147)

optaram por traduzir queer como raro, estranho, homossexual<sup>5</sup>. No entanto, dada a riqueza conotativa do termo em inglês, se pode discutir, problematizar e singularizar várias das acepções que encontra o termo em diferentes contextos, tanto em utilizações do uso gramatical como em seus usos políticos.

Para o meu trabalho de investigação literária *A corazón abierto. Geografía literaria de la homosexualidad en Chile*, publicado no ano de 2001<sup>6</sup>, tive que tomar definições de fundo no que eu desejava realizar como política de recepção crítica dos textos antologados do século XX chileno. Tal definição se viu interpelada e debatida pelas acaloradas tensões acadêmico-políticas de nomear ao raro, ao diferente, ao abjeto, que cruzavam o panteão das homossexualidades, mas que não paravam aí. O problema político de fundo consistia em ler a literatura chilena a partir de um aparato crítico que colocasse no centro um desajuste para interrogar às leituras canônicas da Nação. Por outra parte, a homossexualidade, enquanto campo discursivo, já estava sendo questionada como identidade política de representação enclausurada nos regimes tanto homonormativos como heteronormativos. Essa foi uma das maiores tensões que teve o meu trabalho no sentido de “afirmar um discurso homonormativo” e/ou ressignificar os textos possivelmente como *textos queer*. Esse gesto, esse enunciado, já colocava em tensão e de fundo uma leitura política da diferença sexual na América Latina e focalizava a própria re-colonização que o queer já estava operando em “certas” leituras críticas locais. Para problematizar o cenário, de uma maneira alternativa, Carmen Berenguer e Fernando Blanco realizaram uma “Antología Queer” na *Revista Nomandías*<sup>7</sup>. Este trabalho antológico inscrevia uma marca, diferente do meu próprio trabalho antológico, sob o signo do queer. O que pode separar uma leitura literária ou cultural na América Latina a partir do queer ou do homossexual, como continentes próximos com fronteiras medianamente diferentes? Como se podem ler esses textos? Qual é a operação teórica-política de enunciar em uma ou outra arena? Somente essas perguntas me parecem um exercício interessante e problematizador.

---

<sup>5</sup> Ver Llamas, 1995.

<sup>6</sup> Juan Pablo Sutherland, *A Corazón Abierto. Geografía literaria de la homosexualidad en Chile*. Santiago: Sudamericana, 2001.

<sup>7</sup> “Antología Queer”, *Revista Nomandías*, no. 5 (1º semestre de 2001), Centro de Estudos de Gênero e Cultura na América Latina, Universidade do Chile e Editorial Cuarto Propio, pp. 109-144. Este centro acadêmico solicitou-me uma apresentação desse número, especialmente pela referida seleção de textos queer, na Feira Internacional do Livro de Santiago, junto à antropóloga Sonia Montecino.

Na América Latina o queer pode ser ao mesmo tempo politicamente traduzível e o suficientemente instável para ser produtivo em termos radicais? É intraduzível ao espanhol como conta La Fountain-Stokes? É traduzível como indica Llamas ou é barroco e maneirista<sup>8</sup>, como assinala notavelmente Bolívar Echeverría? Este texto tentará problematizar ao máximo essas perguntas que finalmente têm o interesse teórico-político de marcar diferenças e assinalar possíveis perigos em que podemos cair, nós que trabalhamos na batalha sexual diária, na cozinha representacional desconstrutiva, na trincheira simbólica do desajuste normativo e nas escrituras periféricas da Nação.

O enunciado queer comparece ou aterrissa na América Latina no meio dos anos noventa na maioria das organizações homossexuais, no meio da ação política contestatória que caracterizou o mapa da pós-ditadura no Chile<sup>9</sup>. Enfoque que veio a tensionar as próprias políticas representacionais da identidade em pleno auge do movimento homossexual<sup>10</sup>. Talvez um dos seus maiores problemas será como se entende ou se traduz o queer como uma prática performativa e política surgida no seio metropolitano do saber, que já revelava com maior questionamento as políticas de identidade por mais de trinta anos em exercício. O problema da tradução fez com que se tensionassem outras linhas de constituição ou tráfico de saberes. Tradução complexa e política no sentido de instalar uma zona de debates que cartografava os novos cenários sobre políticas sexuais e suas apostas político-culturais. A operação política de instalação nos impõe diferentes matizes no momento de ver sua produtividade acadêmica e social.

---

<sup>8</sup> *Debate feminista*, no. 8, volume 16 (outubro de 1997), Cidade do México, DF., pp. 3-10. Compilação nomeada de *Raras rarezas*.

<sup>9</sup> Ver Juan Pablo Sutherland, “El movimiento homosexual en Chile”, *Revista de Crítica Cultural*, no. 21 (2000), Santiago, pp- 36-39.

<sup>10</sup> Nesse sentido, é interessante e emblemático o fato de que no meio do auge das políticas de identidade no Chile (1994), Nelly Richard, juntamente com um grupo de ativistas homossexuais do Movimento de Liberação Homossexual (histórico), organizado pelo programa de rádio *Triángulo Abierto*, exibiram em uma boate gay no centro de Santiago o legendário documentário *Paris is burning* de Jennie Livingston, documentário que foi a base de uma multiplicidade de discussões teórico-políticas na cena *queer* dos anos noventa nos Estados Unidos, e que Judith Butler citou em seu livro fundacional *Problemas de Gênero*. O documentário *Paris is burning* veio a desorganizar e provocar uma interrogação nas políticas desse tempo. Podendo aparecer descontextualizado, provocou uma sensação de opacidade na política identitária ou pelo menos de suspeita. Nesse cenário, resulta relevante para rediscutir os alcances e problematizações da tradução política do queer na América Latina, quer dizer, discutir a relação norte-sul e repensar os conceitos de original e cópia na política minoritária local.

## Das influências às políticas queer. Foucault, o mestre queer, o santo viado ou o epistemólogo das minorias?

No ano de 1990 surge nos Estados Unidos o *Queer Nation*, ativismo profundamente vinculado à luta contra a Aids. Durante as décadas anteriores, John Boswell<sup>11</sup>, historiador homossexual admirado por Michel Foucault, provocou impacto por causa dos seus trabalhos historiográficos sobre a homossexualidade medieval, sob forte influência de Michel Foucault e dos seus estudos sobre a história da sexualidade na Antiguidade. Fruto dessas discussões e influências, se produz uma série de debates sobre as categorias da sexualidade, gênero, e a própria homossexualidade como campo discursivo. Nesse cenário, o feminismo, a psicanálise, o pós-estruturalismo, sentarão as bases para reavaliar estratégias, repensar categorias como sujeitos de representação, linguagens, corpo e as novas subjetividades aparecidas no cenário dos anos setenta.

A nova perspectiva dos estudos iniciados por Michel Foucault sentará as bases de um inédito modo de entender os dispositivos de controle da sexualidade. Foucault terá como objetivo epistemológico tirar a sexualidade do campo do discurso da verdade científica e explicá-la através da história dos discursos. Por outro lado, não será menor a operação de Foucault a respeito da homossexualidade, na medida em que a localiza na produção dos discursos, sendo sobretudo no primeiro volume da *História da Sexualidade, A vontade de saber*, onde Foucault apresentará essa perspectiva com objetividade:

A “sexualidade”: correlato dessa prática discursiva desenvolvida lentamente que é a *scientia sexualis*. As características fundamentais dessa sexualidade não traduzem uma representação mais ou menos confundida pela ideologia, ou um desconhecimento induzido pelas interdições; correspondem às exigências funcionais do discurso que deve produzir verdade. No ponto de intersecção entre uma técnica de confissão e uma discursividade científica, lá onde foi necessário encontrar entre elas alguns grandes mecanismos de ajustamento (técnica de escuta, postulado de causalidade, princípio de latência, regra da interpretação, imperativo de medicalização) (FOUCAULT, 1995, p. 86).

Será central na discussão da teoria política queer entender por uma parte a sexualidade como produção discursiva<sup>12</sup>, fora da tese da repressão da sexualidade instalada nos discursos de liberação sexual e em grande parte dos estudos em

<sup>11</sup> John Boswell chegou ao reconhecimento público pelos seus eruditos estudos sobre homossexualidade no período medieval. Seus estudos mais conhecidos foram *Cristianismo, tolerância social e homossexualidade* e *Bodas de la semejanza*, este último é uma investigação sobre as práticas de união amorosa na Antiguidade, que recorre textos bíblicos e se aprofunda nos ritos dos primeiros cristãos. John Boswell foi inserido dentro da corrente essencialista, acusação que se pode contextualizar a respeito da influência complementar do seu trabalho nas políticas identitárias surgidas no meio dos anos setenta.

sexualidade. Foucault já tinha trabalhado em *A ordem do discurso* com os procedimentos de exclusão e fixação de certas operações de reordenamento em determinados discursos. Concluindo que as zonas mais cercadas e comprimidas nessa malha social eram a sexualidade, a loucura e a política. Nesse sentido, não resulta surpreendente a grande influência que este filósofo francês vai adquirindo nos movimentos minoritários, fundamentalmente o homossexual. David Halperin, em seu livro *San Foucault. Para una hagiografía gay*, assinala o seguinte:

As influências políticas do discurso de Foucault sobre a sexualidade não passaram despercebidas para as lésbicas e os gays, já que por muito tempo temos sido objetos de discursos que nos apresentam como potencialmente assassinos, doentes, criminosos e imorais, cujos efeitos comparativamente menores têm sido desautorizar nossas experiências subjetivas e nos negar o direito a expressar o saber sobre nossas próprias vidas (HALPERIN, 2007, p. 63).

Será decisivo, então, para a teoria e para o movimento queer a reapropriação discursiva, a partir de certas operações de desarme da prática homofóbica incorporadas no discurso. Questão interessante se pensamos que uma das estratégias discursivas mais próprias do queer é “tirar as armas do inimigo em primeira pessoa”. Isso se pode traduzir na operação discursiva do “eu” viado como gesto político de deslocamento da objetivação heteronormativa, questão que será central para produzir uma política queer dissolvente e performativa que vá mais além da reafirmação de uma identidade, melhor trabalhada na hiper-identidade ou na fuga da estabilidade homonormativa.

### **Judith Butler, a catedral queer**

Judith Butler se transformou, desde a publicação do seu livro, *Problemas de Gênero*<sup>13</sup>, em uma das pensadoras mais reconhecidas da cena queer, livro inaugural que sustenta que o gênero pode ser pensado e vivido como uma constante performance ou, para ser mais preciso, a operação constitutiva de gênero opera a partir da

---

<sup>12</sup> Por outro lado, Donna Haraway enfocará uma ênfase maior na sexualidade, aprofundando a categoria de tecnologia, já posta inicialmente em circulação por Foucault. Beatriz Preciado no *Manifesto contra-sexual* retoma essa perspectiva, levando-a a um lugar destacado em sua reflexão crítica.

<sup>13</sup> *Problemas de Gênero* foi o texto que articulou a tese mais controversa de Butler a respeito da performatividade de gênero. Por sua vez, é um texto que inaugura a cena *queer* e que terá, logo do seu impacto inicial, uma série de questionamentos a respeito da teoria da performatividade. Nessa perspectiva, questiona-se a Butler certos reducionismos ao não incorporar outras dimensões em sua teoria. Em seu livro *Corpos que importam* Butler reconsiderará várias das argumentações iniciais de *Problemas de Gênero*.

performatividade. Judith Butler constrói sua proposta levando parte da teoria dos atos de fala às práticas homossexuais. Butler sustenta:

Austin sugere que a heterossexualização do vínculo social é a forma paradigmática daqueles atos de fala que dão vida ao que nomeiam: “Eu os declaro...”. E o que ocorre ao enunciado performativo quando seu propósito é precisamente anular a força da cerimônia heterossexual? (BUTLER, 2005, p. 315).

A partir de Austin e da sua teoria dos atos de fala, Butler propõe que os atos performativos são formas de fala que autorizam, são expressões que, ao serem emitidas, realizam certa ação e exercem um poder vinculante, implicadas em uma rede de autorizações e castigos. As expressões performativas incluem sentenças judiciais, batismos, inaugurações, declarações de propriedade, atas de casamento.

Um dos elementos relevantes que Butler resgata, a partir dos atos de fala, é a condição discursiva do reconhecimento social que precede e condiciona a formação do sujeito. Esta inflexão será fundamental para entender a interpelação performativa. O sujeito não pré-existe, diz Butler, nesse sentido é relevante na enunciação homofóbica que este reconhecimento ou interpelação forma o sujeito “anormal” e normaliza quem expressa esta enunciação. Butler enfatiza:

Derrida sustenta que o poder vinculante que Austin atribui à intenção do falante em todos os atos ilocutórios deveria se atribuir, antes, à força citacional da linguagem, à interabilidade que estabelece a autoridade do ato de fala, mas que estabelece o caráter não singular desse ato. Nesse sentido, todo “ato” é um eco ou uma cadeia de citações e apelação à citação que é o que lhe dá sua força performativa (BUTLER, 2005, p. 317).

É interessante esta perspectiva crítica que Butler resgata de Derrida. Mais ainda quando desnaturaliza o discurso homofóbico, no sentido de reconhecer a historicidade da prática discursiva, da citação como cadeia de citações, quer dizer, como o poder da repetição na fala que normaliza e sentencia. Será esta uma das chaves para as estratégias queer que apelam a desfazer o estigma homofóbico, desterritorializando a operação discursiva, convertendo-a em gesto político em primeira pessoa: “eu queer”, “eu raro”, “eu anormal”, “eu viado”. Este ponto constitui um nó de debate e discussão. É possível descarregar a violência estrutural e simbólica que engendrou a citação na linguagem homofóbica?

Assim mesmo, serão relevantes as considerações de tradução cultural, quer dizer, levando ao extremo a frase de Gayatri Spivak “pode o sujeito subalterno falar?” (SPIVAK, 1998, p. 189-235) e parafraseando-a “pode o sujeito viado falar tirando a

carga homofóbica do seu caminho?”. Alguns detratores sugerem que, ao traduzir o termo queer ao espanhol, perde-se o poder conotativo do vocábulo em inglês, o que limitaria o seu poder de transformação política. Se pode pensar que é só um problema de tradução estrito do queer a qualquer língua, ou se poderia entender como uma operação maior, de fundo político e epistemológico no sentido de transladar a carga homofóbica a uma prática de resistência? É possível o queer na América Latina, de modo a aclarar estas dificuldades políticas e culturais? É possível pensar em uma teoria política queer que traduza o estigma em uma afirmação rentável politicamente? As respostas às perguntas enunciadas cairão inevitavelmente em variados campos ao serem respondidas. Um dos campos mais férteis, do meu ponto de vista, é a *cidade letrada queer*. Chamo-a assim, parafraseando a ideia de Ángel Rama, a fim de localizar uma quantidade de textos relevantes que configuram práticas contra-canônicas nas literaturas latino-americanas. Neste terreno não será menor descartar certos vértices que conjuraram com maior força uma resistência às recepções críticas das literaturas nacionais ou ao rompimento do cerco censurador da crítica literária mais conservadora em alguns países. Podemos situar um primeiro nó crítico no espaço neo-barroco rio-platense, ao qual pertencem autores tão relevantes como Néstor Perlongher, Osvaldo Lamborghini, Manuel Puig y Roberto Echavarren. Produção sul-americana que marcará intensidades diversas ao olhar para estratégias, corpos, políticas e desejos. Se pudéssemos pensar que nesse cenário este conjunto de autores construiu paralelamente, e sem saber, uma cidade bicha na literatura latino-americana. Digo cidade na ideia de estabelecer um imaginário coletivo, de desejo, que pode se pensar como uma política, uma estética coletiva, que com diferenças friccionam os gêneros maiores em prol de uma política minoritária de atentado à Nação hegemônica. No caso de Perlongher, os cruzamentos entre literatura, sexo, política e imaginário popular se fagocitam com total promiscuidade. Perlongher, poeta, ativista, antropólogo, cronista, levanta-se como combatente cyborg na ideia de um escritor mutante, teórico do desejo que transpassou aos seus textos novos enfoques que não apareciam habitualmente nas literaturas nacionais. Em *Prosa Plebeya* é agudo e não dá tempo para respirar, no emblemático texto “Matan a un marica” o autor revela:

Corpos que de uma espiada do desejo passam, depois, ao *rigor mortis*. No exame de lençóis desfeitos as ruínas truculentas da festa, do festivo no devir funesto: cangotes

onde as marcas dos dedos estão muito fortemente impressos, torsos desconjuntados a cacetadas, lampadadas azuis na órbita do olho, lábios partidos em que uma toalha se faz de glote, furos de bala, lamacentas marcas de bota na bunda (PERLONGHER, 1997, p. 35).

Em Perlongher já se pode apreciar o tratamento discursivo que intensifica e revela a carga homofóbica na sequência assassinato-viado, reinscrevendo ou pondo em tensão a marca da bicha como lugar de castigo, privilégio de assassinato e genocídio permanente em uma identidade bastarda. Nesse mesmo sentido e reutilizando suas dispersões neo-barrosas<sup>14</sup>, Perlongher trabalhará em jogos duplos, dramatizando e desdramatizando, em seu brilhante texto “Por qué seremos tan hermosas”, em que hiperboliza ao máximo o sentido estético da bicha-louca como efeito político na língua:

Por que seremos tão perversas, tão mesquinhas  
(tão derramadas, tão abertas)  
e abriremos a porta da rua ao  
monstro que mora nas esquinas, ou  
seja o céu como uma explosão de vaselina  
como uma crepitação, como um tiro cravado na  
bunda – e por que seremos tão sentadoras, tão bonitas  
os chamaremos por seus nomes quando todos nos sentem  
(ou seja quando ninguém nos escuta)  
Por que seremos tão espevitadas, trapaceiras,  
tão solteironas, tão doidas. (PERLONGHER, 2003, p. 58)

Em Perlongher, a bicha-louca conforma um devir sexual que conjugará seu perambular no meio do perigo, dos viados, da noite como contexto habitual de uma política de corpos traficados. Não será menor em Perlongher seu viés de etnógrafo, voyeriza biograficamente com a viadagem da cidade latino-americana. Essencial é o estudo de Perlongher sobre a prostituição masculina<sup>15</sup> em São Paulo. Olho e orelha dos trânsitos e cartografias da bicha-louca e dos viados, dos michês, dos mulatos, taxonomias do desejo bicha que Perlongher conhece bem. Nesse marco, a política escritural do antropólogo de subjetividades precárias na violência homofóbica, torna-se material cultural na medida em que cruza campos sociais, culturais, eleva as biografias coletivas e minoritárias em uma sorte de política cultural bicha ao interior da própria cultura.

### **A política dos nomes na fala bicha de Lemebel**

<sup>14</sup> A categoria neo-barroso foi a marca paródica com que Perlongher designa a cena neobarroca latino-americana, ver “Introducción a la poesía neo-barroca cubana y Rioplatense” em *Prosa Plebeya*, p. 97-99.

<sup>15</sup> NT: Publicado em português como: *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*.

Atravessando a cordilheira, Pedro Lemebel “recolhe a luva”<sup>16</sup> com sua afiada língua neo-barrosa ou neo-barrocho<sup>17</sup>, levando ao máximo êxtase a fala bicha. Olho voyeur da cidade vigiada, *La esquina es mi corazón*, propõe uma fala hiper-identitária, onde a figura central da bicha-louca como identidade ou estratégia discursiva é o centro de sua política desestabilizadora do gênero ou dos gêneros. Inclusive, desde o seu inaugural carnaval bicha com “Las Yeguas del Apocalipsis”<sup>18</sup>, Lemebel poderá se inscrever como um dos maiores expoentes da fala bicha na literatura chilena. Por isso, a crônica, como gênero privilegiado, torna-se um sinal certo de sua opção por trabalhar gêneros menores, gêneros desprezados pelo cânone da alta literatura. Lemebel inocula a língua viada na fala cultural, na imprensa, na rua, bagunçando a ideia do politicamente correto, em uma estratégia Kamikazi minoritária. *La esquina es mi corazón* é a clara mostra de uma cartografia do desejo que questiona a estabilidade mais normativa da homossexualidade e dá a sua cara mais popular e instável. Lemebel escreve em sua crônica *Las amapolas también tienen espinas*:

por isso a noite da bicha cheira a sexo, algo  
incerto a faz perambular pelas ruas olhando a  
fruta proibida. Apenas um segundo que resvala o olho  
trilha ferindo a virilha, onde o jeans é um oásis  
refletido pelo manuseio do fechecler. (LEMEBEL, 1995, p. 88)

Em Lemebel a marca hiper-identitária ou pós-identitária joga a intensificar aquele lugar precário e em fuga da bicha-louca. Assim, se pudéssemos entender a fala viada condensada na bicha-louca, figura arquetípica da homossexualidade popular, que sai das margens institucionais para se nomear no jogo teatralizado e neo-barroso de Lemebel. Nesse contexto, encontramos a bicha-louca multiplicada em poses de guerra, em estratégias de fuga e na ação performativa de desqualificar a homofobia. Um texto exemplar para este exercício crítico encontramos em *Loco afán*:

---

<sup>16</sup> NT: “Recolher a luva” é uma referência a uma suposta “continuidade” entre as escritas de Perlongher e Lemebel.

<sup>17</sup> Neo-barrocho (alude ao Rio Mapocho) foi a designação que fez a crítica literária Soledad Bianchi à tradução lemebeliana do neo-barroso rio-platense.

<sup>18</sup> Pedro Lemebel e Francisco Casas constituíram o coletivo homossexual “Las Yeguas del Apocalipsis” no meio dos anos oitenta em Chile. Coletivo que inscreveu a marca homossexual na arte chilena a partir de proclamas políticas, performances, trabalhos fotográficos e vídeo-arte. Um pouco sobre seus trabalhos podem ser lidos no artigo “Pedro Lemebel”, no livro de Julio Ortega, *Caja de Herramientas: prácticas culturales para el nuevo siglo chileno*. Santiago: Lom, 2000.

Existem muitas e variadas formas de se nomear, está o típico feminino do nome que acrescenta um “a” no final de Mario e resulta “Simplesmente Maria”. Também o uso de familiares próximos pela sua cumplicidade materna; as mãezinhas, as tias, as madrinhas, as primas, as avós, as irmãs, etc. (LEMEBEL, 1996, p. 59)

Aqui vai alguns, exclusiva e somente uma amostra, resgatadas das densas águas da cultura viada:

A desesperada  
A quando não  
A quando nunca  
A sempre em domingo  
A Maria silicone  
A Corta-ventos  
A Ponte Cortada  
A Maria Combo  
A Maria Ácido<sup>19</sup>  
A faraona  
A Lola Flores  
A Sara Montiel  
A Carmem de Sevilla  
A Carmem Miranda. (LEMEBEL, 1996, p. 60).

Nessa extensa lista, o autor de *Loco afán* volta a intensificar cicatrizes sociais, estéticas perdidas, linguagens e falas populares que constroem uma estratégia. As bichas-loucas trabalham com a língua (derrubando os limites materiais e simbólicos na afirmação ou fuga estabilizadora da identidade). Quer dizer, a meta-língua das bichas-loucas gera um excesso identitário, excedente multiplicador além de uma carência, uma perda, de uma derrota. As bichas-loucas de Lemebel se nomeiam até a morte e a Aids será uma chave aberta para exagerá-las insistentemente, ação performativa que afasta a discriminação e a homofobia da “peste” inicial. A multiplicação de nomes de bichas-loucas nas crônicas de Lemebel opera como uma sorte de encadeamento de sentidos extremos, onde a Aids é a cicatriz que mostra a hiperidentidade popular, pobre, carnavalesca, negra, irônica e festiva, batalhante e descarada. Nesse sentido, a política dos apelidos, das plumas sobre a marca homofóbica, apaga as sombras do castigo para afirmar um sim viado, afirmação que se afasta da estabilidade identitária e que joga “ao viado de mil nomes”, como se o “eu queer” se desplumasse em um eu coletivo e migrante, que sempre se torna nômade. Lemebel intensifica os sentidos paródicos, em

---

<sup>19</sup> NT: No original Maripepa que pode ser tanto o apelido da vedete espanhola María José Nieto Riesco, muito conhecida na imprensa hispano-americana nas décadas de oitenta e noventa, como pode ser Maria LSD, Maria Ácido, Maria Drogada.

um carnaval mais neo-barroso que *camp*, mais viada que gay, tornando a ressignificar, tornando a deixar a bicha-louca como estratégia discursiva em fuga. Assim remata Lemebel:

A Zoila Sida<sup>20</sup>  
A Zoila Kaposi  
A Sida Frappé  
A Sida on The Rock  
A Sui-Sida  
A Inseti-Sida  
A Depre-Sida  
A Ven-Sida (LEMEBEL, 1996, p. 61)

Esta operação de desdramatização, e por sua vez de exposição teatralizada, gera um efeito de política minoritária que hiperboliza o lugar do castigo e o eleva a um lugar político. Talvez uma das maiores contribuições de Lemebel à cultura latino-americana seja “recolher a luva” da cidade letrada bicha e revelar as estratégias hegemônicas das políticas de representação da diferença, no meio do branqueamento das políticas homonormativas.

### **Considerações finais**

“A poesia é mais filosófica que a história” dizia Aristóteles. Assim mesmo, a literatura tem sido mais crítica e viada que as ciências sociais ou a própria filosofia, poderíamos acrescentar. Nesse sentido, inclino-me a pensar que as escrituras têm ressignificado, reinventado e interrogado em uma extensão considerável o cânone das políticas sexuais da Nação. Seus devires têm criado imaginários e têm narrado novamente as comunidades nacionais latino-americanas a partir de muitos lugares. Seguindo esta linha poderíamos articular a teoria mais aguda, mais reflexiva e cortante a respeito das representações das identidades, do social e cultural das minorias, ela encontra-se nas escrituras que cruzam o cânone ou que são tangenciais a ele a partir de múltiplas estratégias. Nessa perspectiva, é interessante resgatar o que Doris Sommer<sup>21</sup> (SOMMER, 2004, p. 54-57) explica a respeito da construção da Nação latino-americana e o co-relato que gerou a literatura nessa configuração de imaginários nacionais entre os

<sup>20</sup> NT: Sida é Aids em espanhol, mantivemos o nome em espanhol para não perdermos o duplo significado do seu uso, reapropriado pelas bichas-loucas de Lemebel.

<sup>21</sup> Doris Sommer, *Ficciones fundacionales. Las novelas nacionales de América Latina*, Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 2004, p. 54-57.

séculos XIX e o começo do XX. Pode-se conceber que a cidade letrada bicha ressignificou a Nação. As narrativas cruzaram o genocídio, os êxodos minoritários, as violências e as políticas de higiene sexual<sup>22</sup>. Autores como Osvaldo Lamborghini, em textos como o “Niño proletario”, podem ser lidos dentro do exercício biopolítico de controle dos corpos. Por outra parte, *O lugar sem limites*, de José Donoso, configura a grande crítica genérica-sexual ao sistema latifundiário e semi-feudal do campo chileno na história social. A personagem da Manuela termina mordida e morta pelos cachorros. Travesti que finalmente se converte na metáfora daquela violência sistemática contra a diferença sexual exercida na história cultural e política de nossos países.

Retomando as perguntas iniciais expressadas nesse texto, tentou-se recolher certas problematizações do queer como teoria crítica e seus impactos locais. Talvez muitas das perguntas fiquem somente enunciadas, na ideia de continuar interrogando âmbitos e categorias possíveis de serem pensadas.

A política queer (por denominar uma política sexual-cultural que insiste em uma crítica aos regimes normativos e, ao mesmo tempo, interroga sua própria institucionalização) tem sido, pelo menos em nossos países, a multiplicação de diversas leituras radicais que tem conjugado o popular, o mestiço, o ativismo crítico, as crises de representação do masculino e do feminino nas próprias comunidade sexuais. Cruzamentos plasmados em inumeráveis batalhas culturais que seguiremos lutando.

Os perigos: a possível institucionalização do queer no local. E sua força, sua própria desterritorialização nas práticas culturais radicais. Configurações de cenários possíveis e nunca esgotados. As escrituras e a crítica ativista, pelo menos para mim, constituem minha própria teoria queer e tem sido um espaço fértil para pensar a política, as práticas culturais e os devires sexuais. Traduzir o global ao local, traduzir o local ao global, são operações complexas, que tornam a reeditar velhas discussões, não por isso menos interessantes. Será a própria prática discursiva a que terá a palavra em primeira pessoa.

## REFERÊNCIAS

BALDERSTON, Daniel. *El deseo, enorme cicatriz luminosa*. Caracas: eXcultura, 1999.

<sup>22</sup> Para este tema, ver o estudo de Gabriel Giorgi, *Sueños de exterminio. Homosexualidad y representación en la literatura argentina contemporánea*. Rosario, Beatriz Viterbo, 2004.

BALDERSTON, Daniel e QUIROGA, José (org.). *Sexualidades em disputa. Homosexualidades, literatura y medios de comunicación en América Latina*. Buenos Aires: Libros del Rojas, 2005.

BAZÁN, Osvaldo. *Historia de la homosexualidad en la Argentina*. Buenos Aires: Marea Bolsillo, 2004.

BERNASI, Leo. *Homos*. Buenos Aires: Manantial, 1998. *Debate Feminista*. No. 8. Volumen 16. Cidade do México: 1997.

ECHAVARREN, Roberto. *Arte andrógino*. Santiago: Ripio, 2008.

ECHAVARREN, Roberto e GIORDANO, Enrique. *Manuel Puig: montaje y alteridad del sujeto*. Santiago: Maitén, 1986.

EPPS, Brad. *El peso de la lengua y el fetiche de la fluidez*. Santiago: Revista de Crítica Cultural, 2002.

ESPINOSA, Yuderkis. *Escritos de una lesbiana oscura*. Buenos Aires: La frontera, 2007.

FOUCAULT, Michel. *El orden del discurso*. Buenos Aires: Tusquets, 2004.

\_\_\_\_\_. *Historia de la sexualidad: la voluntad de saber*. México: Siglo XXI, 1995.

GIORGI, Gabriel. *Sueños de exterminio: homosexualidad y representación en la literatura argentina contemporánea*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2004.

HALPERIN, David. *San Foucault: para una hagiografía gay*. Buenos Aires: Literales, 2007.

LAMBORGHINI, Osvaldo. *Noveas y Cuentos I*. Buenos Aires: Sudamericana, 2003.

LLAMAS, Ricardo. *Construyendo sidentidades: estudios desde el corazón de la pandemia*. México, Siglo XXI, 1995.

MÉRIDA JIMÉNEZ, Rafael (org.). *Sexualidades transgresoras: una antología de estudios queer*. Barcelona: Icaria, 2002.

PERLONGHER, Néstor. *Poemas Completos*. Buenos Aires: Seix Barral, 2003.

\_\_\_\_\_. *Prosa Plebeya*. Buenos Aires: Colihue, 1997.

\_\_\_\_\_. *Prostitución Masculina*. Montevideo: la Urraca, 1993.

\_\_\_\_\_. *Un barroco de trincheira*. Buenos Aires: Mansalva, 2006.

- PRECIADO, Beatriz. *Manifiesto contrasexual*. Madrid: Opera Prima, 2002.
- RAMA, Ángel. *La ciudad letrada*. Santiago: Tajamar, 2004.
- Revista Nomadías*, nº 5, Santiago: Cuarto Propio, 2001.
- RICHARD, Nelly. *Residuos y Metáforas: ensayos de crítica cultural sobre el Chile de la transición*. Santiago: Cuarto Propio, 1998.
- SALESSI, Jorge. *Médicos, maleantes y maricas*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1995.
- SIFUENTE-JÁUREGUI, Ben. *Travestism, masculinity and Latin american literatura*. Nova Iorque: Palgrave, 2002.
- SOMMER, Doris. *Ficciones fundacionales: las novelas nacionales de América Latina*. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- SUTHERLAND, Juan Pablo. *A corazón abierto: geografía literaria de la homosexualidad en Chile*. Santiago: Sudamericana, 2001.
- TORRES, Daniel. *Verbo y carne en tres poetas de la lírica homoerótica en Hispanoamérica*. Santiago: Cuarto Propio, 2005.